

ANA PAULA BELÉM HEY

**INTERFACES
ENTRE
CULTURA E ALFABETIZAÇÃO**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Alfabetização, como parte para obtenção de título correspondente, do Setor de Educação, da Universidade Federal do Paraná.

CURITIBA

1992

SUMARIO

INTRODUÇÃO	1
I - DA COMUNIDADE	12
1 DADOS GERAIS DA FAMÍLIA	13
1.1 IDADE DOS PAIS	13
1.2 PROLE	13
1.3 ESCOLARIDADE DOS PAIS	14
1.4 PROFISSÃO DOS PAIS	15
1.5 RENDA FAMILIAR	16
1.6 ORIGEM E PROFISSÃO	17
1.7 MEIOS DE INFORMAÇÃO	19
1.8 INTEGRAÇÃO SOCIAL	26
1.9 EDUCAÇÃO	28
II - DA ESCOLA	40
2 DADOS GERAIS DOS PROFESSORES	41
2.1 FORMAÇÃO PROFISSIONAL	41
2.2 ATUALIZAÇÃO PROFISSIONAL	43
2.3 MEIOS DE INFORMAÇÃO EM GERAL	44
2.4 INTERAÇÃO SOCIAL	45
2.5 DADOS ESPECÍFICOS	47
CONCLUSÃO	59
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	65
ANEXOS	

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa visa revelar concepções e práticas - referentes à alfabetização - de dois grupos sociais distintos, um representado pela escola, e outro representado pela comunidade onde esta está inserida.

Busca-se explicitar as características sócio-culturais que envolvem este segmento social específico, revelando a visão que este possui da educação escolar.

Concomitantemente, tentar-se-á discernir as concepções que a escola possui a respeito da alfabetização (de classes populares) e da cultura da comunidade.

Entende-se por cultura "*o produto coletivo da vida humana*"¹, e ainda, "*tudo aquilo que caracteriza a existência social de um povo ou nação, ou de grupos sociais no interior de uma sociedade*".²

Exatamente o que se pretende é dar conta das características destes agrupamentos, "*preocupando-se com a totalidade destas características, digam elas respeito às maneiras de conceber e organizar a vida social*"³ ou a aspectos mais exclusivos, como a educação.

Tendo como referencial as visões de mundo que caracterizam os dois grupos sociais enfocados, pode-se

formular e definir concepções educacionais, conteúdos curriculares e encaminhamentos metodológicos mais adequados e condizentes com o que a escola se depara e possui - em termos humanos, físicos e materiais - cotidianamente.

A alfabetização representa a entrada da criança na educação formal, exigida e proclamada constitucionalmente.

Ambigualmente é também a legitimação do fracasso da escola em assegurar a assimilação do conhecimento, pois o maior índice de evasão e de repetência encontra-se nesta série.

Os métodos existentes não conseguem satisfazer os objetivos educacionais - alfabetizar - e nem tampouco ampliar criticamente a visão simplista que a criança possui, até porque a escola também só possui esta visão mecânica, esfacelada e descontextualizada do conhecimento.

Apesar disso, busca-se resolver o problema da alfabetização criando novos mecanismos de transmissão do conhecimento, porém baseados unicamente na prática fechada da sala de aula e da instituição educacional.

As dúvidas - por quê tanta repetência; por quê a escola não consegue alfabetizar os indivíduos consistentemente, com significado - ainda persistem.

Esta pesquisa procura subsidiar a educação justamente neste ponto crítico. Tentar pesquisar se é possível conceber educação não referindo-se apenas a métodos e técnicas, mas também à amplitude social de onde provém cada aluno.

Seria possível estabelecer influências recíprocas entre cultura e alfabetização?

Com o estudo caracterizador de um grupo social específico poderá se verificar a reciprocidade relacional da cultura e da alfabetização?

PRESSUPOSTOS TEORICOS

Constata-se que na atitude dos educadores prevalece uma visão de classe que generalizadamente é diversa da do aluno, sendo exigido deste o entendimento, a percepção das coisas como são concebidas pelos primeiros.

Não existe o conhecimento - por parte do educador - da proveniência do aluno, de suas características, de seus anseios e necessidades.

Começemos, então, delimitando teóricamente os indivíduos que frequentam as escolas públicas de periferia.

Estes indivíduos são denominados genericamente de "povo", pertencentes e caracterizadores de uma "cultura popular".

Popular "*costuma designar o regional, o tradicional e o folclore*"⁴, porém nesta pesquisa significa a "*expressão dos dominados*"⁵.

Esta afirmação exige que aceitemos a existência de classes sociais diversas; classes que dominam e classes

que são dominadas.

Povo não significa:

*"uma coletividade homogênea, mas apresenta numerosas estratificações culturais, variadamente combinadas; estratificações que, em sua pureza, nem sempre podem ser identificadas em determinadas coletividades populares históricas, sendo certo, porém que o grau maior ou menor de isolamento histórico de tais coletividades fornece a possibilidade de uma certa identificação"*⁵.

É por isso que se pode afirmar que a escola possui uma cultura diferente a do aluno - apesar dos educadores pertencerem ao povo - mas por se identificarem com outra estratificação da categoria povo e, também por representarem e perpetuarem uma educação burguesa, de elite.

Em uma sociedade capitalista, a divisão social do trabalho, determinará as diversas classes sociais. É ela também que dará respaldo a propagação do conceito de cultura - através do senso comum - como sendo a *"posse de conhecimentos, habilidades e gostos específicos(...)* e *leva à distinção entre cultos e incultos de onde partirá a diferença entre cultura letrada - erudita e cultura popular"*⁷.

Historicamente a escola perpetua esta divisão, principalmente porque espera passar a cultura erudita aos alunos, a cultura que eles não possuem. Quem não assimila o que é proposto ou assimila somente uma parte, constitui

os excludentes ou os semi-qualificados.

Em face disto, surgiram experiências de educação popular, que possuíam dois pólos diferenciados (conforme WANDERLEY, 1988, p.71). O primeiro pólo refere-se a experiências de educação popular com o caráter de *integração*, ou seja incorporar todos os indivíduos em uma única ideologia, através da assimilação de uma certa quantidade de conhecimentos, porém "*que não supere a quantidade e a qualidade necessárias à manutenção da paz entre o capital e o trabalho*"⁸ (quantum). Essa corrente desejava popularizar a educação básica oficial, contanto que garantisse a ampliação da hegemonia das classes dominantes, levando as outras classes a internalizarem a ideologia das primeiras.

O outro pólo refere-se a educação popular com o intuito de *libertação*. Significa as experiências que visavam fornecer ao povo os questionamentos acerca das relações existentes cotidianamente e que não são explicadas ou entendidas satisfatoriamente.

Visavam também desencadear um "*processo de conscientização, de capacitação e de participação social ampla, comprometendo-se na luta pela dinamização das resistências populares contra as injustiças e explorações*"⁹. Essas experiências foram bem pouco realizadas, estimuladas a não prosseguirem e a não gerarem novas tentativas.

Após esta explanação, pode-se observar que existem vontades diferentes conforme o grupo social ao qual nos identificamos, sendo necessário que o educador

saiba discernir a qual grupo está se engajando. "A sociedade é a mesma para todos, mas dotada de sentidos e finalidades diferentes para cada uma das classes sociais"¹⁰.

CULTURA DE MASSA E ALFABETIZAÇÃO

No Brasil pós-1964, desencadeia-se, através dos meios de comunicação de massa, um processo de "criação de uma falsa homogeneidade cultural para encobrir as gritantes disparidades sociais e econômicas do país"¹¹.

A criação dessa massa encobre o conceito de luta de classes, gerando apenas duas camadas sociais: a baixa e a alta.

A diferenciação entre massa e popular é imprescindível quando pretendemos compreender a totalidade das relações sociais, que são refletidas irremediavelmente na educação.

A sociedade de massa constitui uma sociedade dotada de referenciais imediatos, onde valores, posturas e idéias são niveladas ao fácil, ao aparente, ao visível. Não existe uma diferenciação de pensamentos; mas simplesmente um agir, um fazer; mesmo que sem discernimento.

A massa denota "uma estrutura totalizante dotada

de referenciais e de regras"¹², anteriores e separadas dos sujeitos que a utilizam.

Os meios de comunicação, atuam como propagadores e dissimuladores deste tipo de "cultura de massa", exercendo um papel importante - porém duvidoso - na educação atual.

A educação - especificamente a alfabetização - não se inicia somente com o ingresso na escola, pois a criança faz experimentações com o mundo escrito através do apelo visual dos "mass media".

A educação possui uma natureza social, pressupondo interações que com a mídia não ocorre. Então esta interrelação necessária precisa ocorrer na instituição oficial.

O aprendizado da linguagem escrita "*é o culminar de um longo processo de desenvolvimento de funções comportamentais complexas*"¹³. Este processo inicia-se com a interação verbal do sujeito juntamente com a mediação do outro.

É nesta relação que se dá na escola que surgem os conflitos, onde os padrões culturais trazidos pelos sujeitos são dissimuladamente esquecidos, passando a ter validade o padrão fornecido pela escola.

METODOLOGIA

Em um trabalho de análise sociológica ou antropológica, o pesquisador precisa necessariamente inserir-se no contexto que pretende estudar, realizando uma observação-participante.

Esta observação - participante juntamente com a coleta de dados - culminará em um trabalho de descrição das interpretações realizadas.

Esta pesquisa realizou-se no Bairro Augusta, conjuntamente na Escola Municipal Colônia Augusta, bairro periférico de Curitiba - PR.

Contou primeiramente com uma reunião com os pais dos alunos matriculados na 1ª série (uma turma apenas), explanando o trabalho de pesquisa que seria desenvolvido e que necessitaria de dados fornecidos por eles.

Em seguida iniciou-se a coleta de dados. As famílias foram visitadas, tendo sido marcado antecipadamente o dia, realizando-se então uma entrevista. Aproveitou-se para realizar observações que contribuiriam posteriormente para a análise da pesquisa.

Os educadores receberam questionários, nos quais não precisavam se identificar, pedindo-se o máximo de fidedignidade possível.

Realizada esta primeira etapa - nos meses de março e abril - seguiu-se a tabulação de dados preliminares.

Paralelamente ocorreram conversas informais e formais com os membros da escola envolvidos na pesquisa para esclarecimento de questões e para enriquecimento de dados.

Posteriormente realizaram-se novas entrevistas com a família dos alunos - nos meses de junho e julho.

Houve nova tabulação de dados e escolha dos dados mais relevantes e significativos para descrição.

Finalizando, procedeu-se a análise e interpretação dos dados recolhidos e observados. Esta interpretação pode ser melhor definida com a seguinte citação:

"Os textos antropológicos são eles mesmos interpretações e, na verdade, de segunda e terceira mão. (Por definição, somente um 'nativo' faz a interpretação em primeira mão: é a sua cultura). Trata-se, portanto, de ficções; ficções no sentido de que não são 'algo construído', 'algo modelado' - o sentido original de 'fictio' - não que sejam falsas, não-factuais ou apenas experimentos de pensamento! (...)"¹⁴.

Estas interpretações não devem ser consideradas imutáveis - pois se transformam na medida em que a experiência social se altera - e nem tampouco definitivas, pois suscitam maiores investigações em projetos futuros.

REFERÊNCIAS

1. SANTOS, José Luiz dos. O que é cultura. São Paulo, Brasiliense, 1989. p.45.
2. op.cit., p.24.
3. idem.
4. CHAÚÍ, Marilena. Conformismo e resistência. Aspectos da cultura popular no Brasil. São Paulo, Brasiliense, 1987. p.10.
5. op.cit., p.24.
6. GRAMSCI, A. Literatura e Vida Nacional. In: VALLE, Edênio & QUEIROZ, José J. (organizadores). A cultura do povo. São Paulo, Cortez, 1988. p.70.
7. CHAÚÍ, op.cit., p.14.
8. op.cit., p.42.
9. VALLE, op.cit., p.74.
10. CHAÚÍ, op.cit., p.24.
11. MOTA, Carlos G. A cultura brasileira como problema histórico. Revista da USP, São Paulo (12):61-79, set.1982, p.19.
12. CHAÚÍ, op.cit., p.32.
13. VIGOTSKI, L.S. A Formação Social da Mente. São Paulo, Martins Fontes, 1989. p.120.
14. GEERTZ, C. A interpretação das culturas. São Paulo, Zahar, 1978. p.21.

I - DA COMUNIDADE

1 DADOS GERAIS DA FAMÍLIA

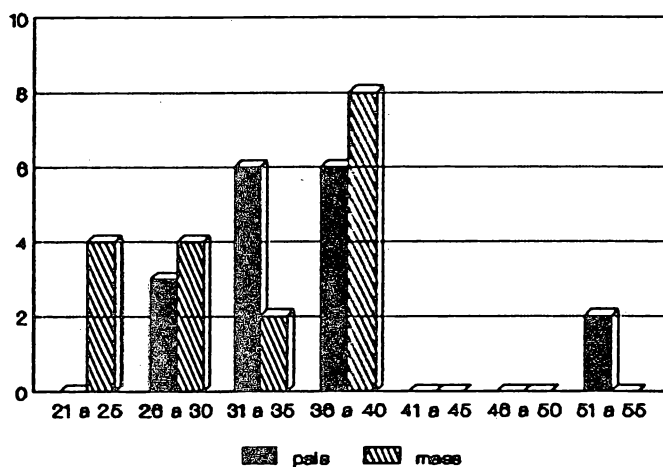
1.1 IDADE DOS PAIS

A idade dos pais varia de 30 a 51 anos, com a maior incidência na primeira faixa.

A faixa etária das mães compreende dos 22 ao 39 anos, com concentração nos 38 e 39 anos. Percebe-se que os homens são generalizadamente mais velhos que as esposas. (tabela 1)

tabela 1

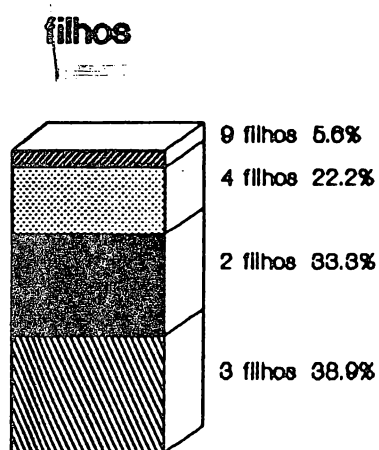
idade dos pais



1.2 PROLE

A prole situa-se entre 2 e 9 filhos, sendo 38,9% dos casais com três filhos, 33,3% com dois filhos, 22,5% com quatro filhos e apenas uma família com um número consideravelmente grande de filhos - 9. (tabela 2)

tabela 2



1.3 ESCOLARIDADE DOS PAIS

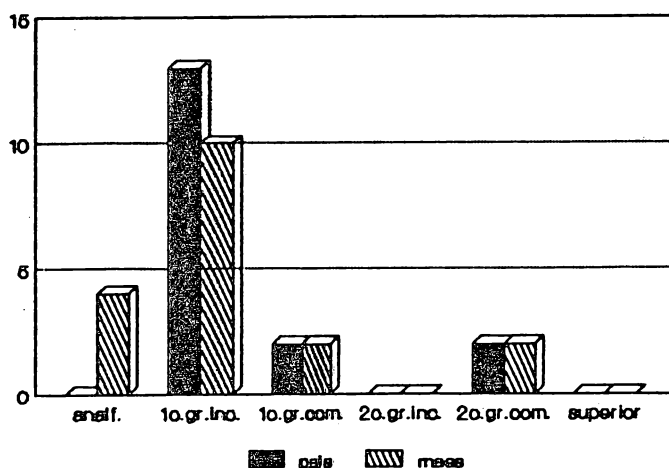
A escolaridade dos pais majoritariamente é de 1º grau incompleto - 72% (não tendo completado nem as séries fundamentais de 1a a 4a), seguido de 1o grau completo - 11%, e, com a mesma porcentagem o 2o grau completo.

Não aparece nenhum pai analfabeto e também nenhum pai com curso superior.

Com relação às mães, a taxa de escolaridade diminui sensivelmente, sendo que 55% das mães possuem o 1o grau incompleto (nao tendo completado nem as séries fundamentais de 1a a 4a), 22% são analfabetas, 11% possuem o 1o grau completo e outras 11% o 2o grau completo.
(tabela 3)

tabela 3

escolaridade dos pais



1.4 PROFISSÃO DOS PAIS

As profissões geralmente condizem com o grau de escolaridade possuído e exigido por certas áreas profissionais. As ocupações citadas pelos pais referem-se a motorista, motorista de caminhão, vendedor, serralheiro, auxiliar de produção, líder de grupo, funcionário público (de baixo escalão), pedreiros, vigilante e também desempregados.

Das mães, 22% não trabalham externamente, ocupando-se do lar; o restante divide-se em ocupações como domésticas, diaristas, chacreiras, costureiras, encarregada de cozinha, funcionária pública, e auxiliar de enfermagem. Observa-se que a maioria exerce funções que não exigem nenhum tipo de qualificação profissional e/ou escolaridade.

No tocante à profissionalização, a participação em organizações de base e sindicatos - tanto para homens como para mulheres - ocorre apenas em 11% dos casos. Os

demais não participam de sindicatos, geralmente não apóiam e nem participam de greves, exprimindo repúdio a este tipo de organização legal.

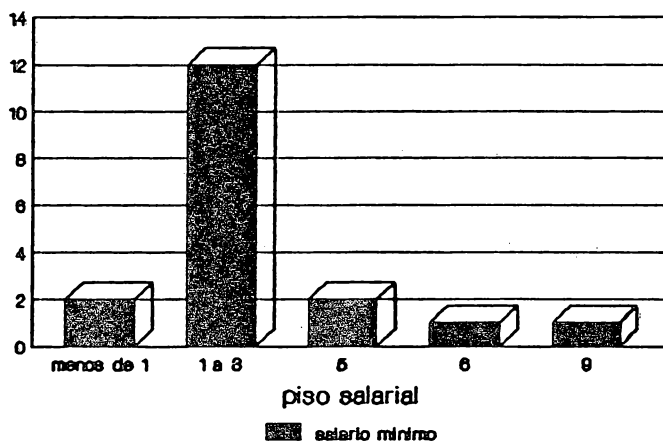
1.5 RENDA FAMILIAR

A renda familiar - incluídos os ganhos da mulher (quando existe) e do homem - varia de menos de um salário mínimo* a nove salários.

A média encontra-se entre um e três salários, 11% possui cinco salários de renda mensal; 5,5% seis salários e outros 5,5% nove salários mínimos mensais. (tabela 4)

tabela 4

renda familiar



salário mínimo CR\$96.000,00 - mar./92

* a base do salário foi CR\$ 96.000,00. Não pode-se deixar de ressaltar que o salário sofreu variações abruptas deste período (março) para o atual (julho), muitas vezes havendo um achatamento salarial, não se garantindo o mesmo piso, baseado no índice oficial do governo.

Com exceção de duas famílias que são caseiros de

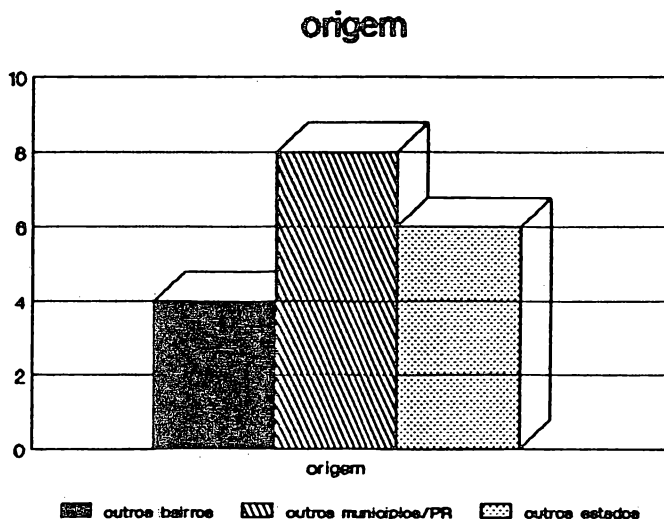
chácaras existentes nas proximidades da escola, as demais possuem casa própria, justamente por pertencerem ao Projeto Mutirão realizado pela Prefeitura Municipal, onde constrói-se a casa financiada pelo Governo com um custo mensal nunca superior a 10% de salário mínimo.

Cabe ressaltar que este bairro sofreu mudanças significativas - tanto na paisagem quanto na população - após este Projeto. Anteriormente ele era pequeno e caracterizado por pequenas chácaras (ainda existentes), mas que não são mais representativas e caracterizadoras da localidade.

1.6 ORIGEM E PROFISSÃO

Através das entrevistas realizadas percebe-se que a totalidade dos pesquisados têm como origem outras localidades, sendo 22% de outros bairros, 45% de outros municípios paranaenses e 33% de outros estados brasileiros. (tabela 5)

tabela 5



A maioria mantém contato com seus parentes e amigos afastados através dos meios de comunicação mais usuais (telefonemas e cartas).

No tocante à profissão de seus antecedentes (pai e mãe), evidencia-se que apenas 17% - referindo-se aqui tanto ao trabalho masculino quanto feminino - seguiram a mesma profissão que os pais, sendo que o restante não seguiu o mesmo tipo de trabalho ou ofício.

Preponderantemente, estes indivíduos provêm da agricultura de pequenas áreas, e que com a vinda para as cidades não puderam seguir com as atividades agrícolas que seus pais ou eles mesmos desenvolviam, apesar de terem conhecimento sobre a agricultura.

Percebe-se também a marca do êxodo rural, que obrigou estas famílias a aventurarem-se nos centros urbanos.

Chegando na capital são encaminhados à periferia (como esta estudada), desprovida de infra-estrutura. Infra-estrutura esta que, a princípio, não se faz tão necessária nas localidades rurais de onde provêm.

Desde a higiene básica, passando pela alimentação e chegando ao transporte; esses indivíduos sentem-se carentes e desfavorecidos de bens e serviços que os grandes centros urbanos exigem, mas não fornecem de maneira satisfatória.

Quanto ao mercado de trabalho, geralmente encaminham-se a profissões que não exigem grau de escolaridade elevado nem tampouco qualificação profissional (vide tabela 3).

Neste processo de migração percebe-se que estas comunidades perdem suas características sócio-culturais, deixando de utilizar suas concepções de mundo, de sociedade e de valores, passando a ter referenciais apenas no momento aparente, imediato.

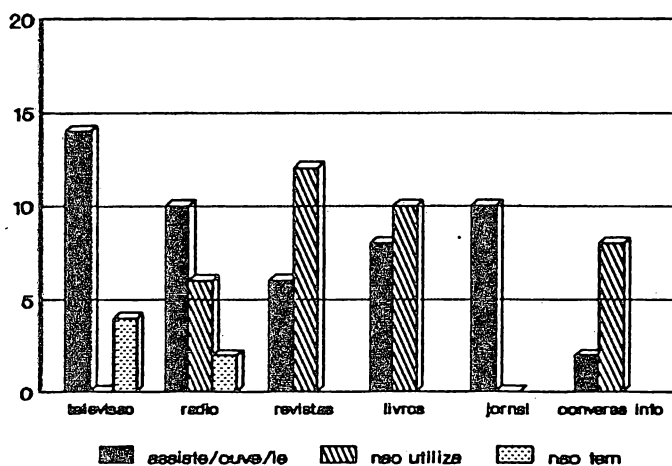
Assim, com a "migração não ocorre um ganho cultural (novos conhecimentos, novas habilidades, novos símbolos que se acrescentariam aos já possuídos), mas uma perda, pois o 'equipamento cultural' anterior torna-se inútil num sistema que nivela o aprendizado em função de tarefas parciais e estanques". (CHAUI, 1987, p.37)

1.7 MEIOS DE INFORMAÇÃO

As formas de receber informações desta comunidade são as diretamente ligadas aos mass media. (tabela 6)

tabela 6

meios de informacao



1.7.1 Televisão

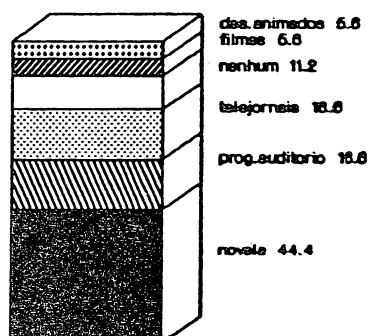
A televisão exerce sua preponderância com relação aos outros meios de comunicação. Geralmente cada família possui uma emissora de preferência.

A emissora oficial do Governo (Rede Brasil) é conhecida por 60% das famílias, porém só souberam citar programas infantis, sendo inexistente o conhecimento de programações dirigidas ao público adulto.

Quanto à preferência dos pais por programas específicos verificou-se o seguinte: (tabela 7)

tabela 7

televisao - audiencia adulta

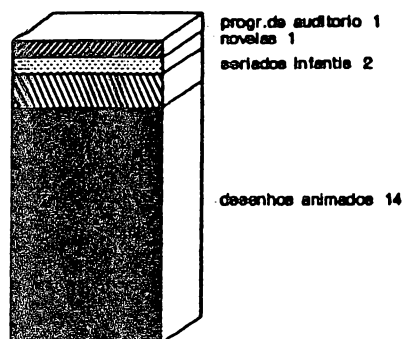


As crianças mereceram dados a parte na entrevista com relação à televisão. Com exceção das famílias que não possuem o aparelho, todas as demais assistem diariamente de duas a oito horas de programação.

Entre suas preferências aparecem os desenhos animados com 76,6%, os seriados infantis com 11,2%, e as novelas e programas de auditório com 5,6% de audiência. (tabela 8)

tabela 8

televisao - audiencia infantil



A respeito da emissora à qual mais assistem não ocorreu a evidência de apenas uma, mas todas que apresentem a programação acima citada.

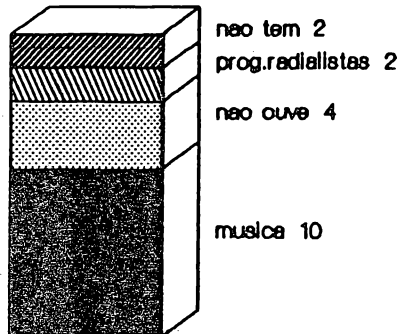
Mostrou-se evidente que a televisão realmente pode vir a exercer um poder muito grande sobre o público infantil - haja visto que os programas assistidos têm caráter massivo e de consumo, não sendo formadores de opinião, mas apenas de "gosto/não gosto" - e que os pais não dirigem nenhuma atenção a este fato, analisando-o positivo ou negativo para a formação dos filhos.

1.7.2 Rádio

Pela tabela 9, pode-se observar que a busca de informações através do rádio é muito insignificante. Utiliza-se o rádio como entretenimento (55,6%) e também para interar-se de assuntos específicos tratados em programas diários de cunho popular (11,1%).

tabela 9

radio - audiencia



A predominância da audiência é de estações de rádio AM, cuja programação é mais variada, indo de música (muitas vezes com dedicatórias) à troca, compra ou venda de objetos.

Nestas emissoras prevalecem a MPB (Música Popular Brasileira) e as músicas de cunho regional ou sertanejo.

Percebe-se a identificação da audiência com o rádio pelo fato da programação ser local e, muitas vezes, situá-la no contexto da cidade.

As crianças se utilizam do rádio para ouvir músicas, não aparecendo nas entrevistas outras formas de utilização do rádio pelas mesmas.

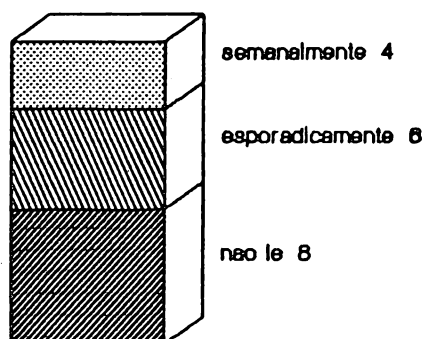
1.7.3 Jornal

Os jornais apresentaram-se como um meio de informação muito pouco utilizado entre os entrevistados.

(tabela 10)

tabela 10

jornal - leitura



Dos indivíduos que o leem (esporadicamente ou semanalmente) verificou-se que a maioria busca anúncios de comprometimento pessoal (classificados de compra, venda ou troca de bens e de empregos) e que muito raramente procuram o jornal para informar-se da situação sócio-político-econômica mundial ou brasileira.

Entre os filhos, o interesse por jornais foi nulo, não aparecendo também o interesse dos pais em instigar tal hábito.

Nesta questão evidenciou-se uma contradição, pois apesar de 44,4% afirmar que não lê jornais, apenas 33% afirmou não comprar jornais.

1.7.4 Revistas

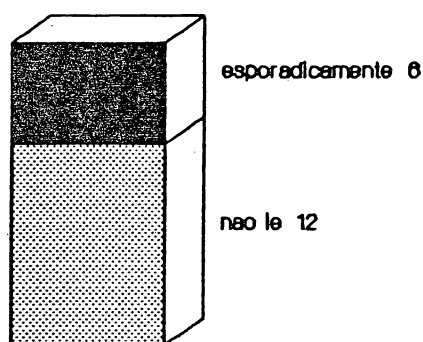
Neste dado comprova-se a influência dos mass media com apelo visual e falado sobre os demais.

A porcentagem de pessoas que utilizam este meio

para informar-se cai para 33,3%, apesar de não ser significativo afirmar que utilizam a revista como informação, pois as revistas citadas são de variedades e os entrevistados não explicitaram suas preferências por seções das mesmas. (tabela 11)

tabela 11

revistas - leitura



Outro dado que merece ênfase é que a maioria das famílias afirmou ser o marido quem mais lê revistas, sendo também novamente nula a porcentagem de crianças que têm sua leitura ou seu "folhear" como costume.

1.7.5 Livros

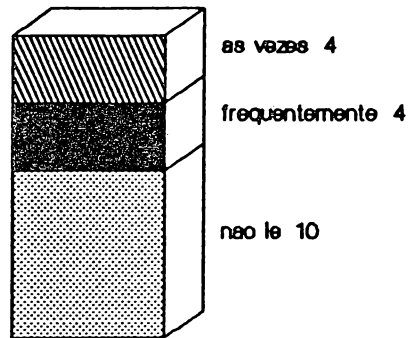
A tabela 12 demonstra que a maioria das famílias possui um acesso restrito à leitura de livros como forma de aquisição de novos conhecimentos e informações.

Entre os indivíduos que leem - constante ou esporadicamente - os livros com caráter religioso aparecem como leitura principal, seguidos de coleções vendidas no

próprio domicílio, que apresentam conteúdos dirigidos à pesquisa escolar ou de valores éticos e morais.

tabela 12

livros - leitura



1.7.6 Outros

Entre esta comunidade apareceram ainda formas de informações dirigidas e individualizadas, como jornal de sindicato (5,6%), jornal de firma (5,6%) e cartas a parentes de outras localidades (22,2%). O restante das famílias possui os meios anteriormente citados como único mecanismo de obtenção de informações.

1.7.7 Opiniões

Quanto à veracidade das informações transmitidas pelos meios de comunicação para a massa, houve uma confiança significativa por parte de 44,4% das famílias, admitindo acreditar em tudo o que ouve e/ou lê.

Outros 44,4% admite acreditar no que é vinculado

pela mídia às vezes, porém sem explicitar coerentemente quando acredita ou não. O restante (11,2%) afirmou não acreditar em nada do que lhe é transmitido e nem tampouco deixa-se influenciar, modificando sua forma de conceber os fatos.

1.8 INTERAÇÃO SOCIAL

Os relacionamentos sociais da comunidade resumem-se aos vizinhos, aos quais possuem maior contato, e a parentes que moram no mesmo município.

Os lugares que frequentam são relacionados a este rol de amizade; 55% das famílias têm como local de convívio social a casa de parentes, 33% têm a igreja como local de referência e os demais a casa de amigos e/ou vizinhos.

O lazer demonstrou não ser uma constante na vida desta comunidade, com 66,7% dos mesmos afirmando não ter o costume de frequentar lugares diferentes dos já citados acima.

A visita a parques e instituições de gênero similar representou apenas 27,8% dos casos.

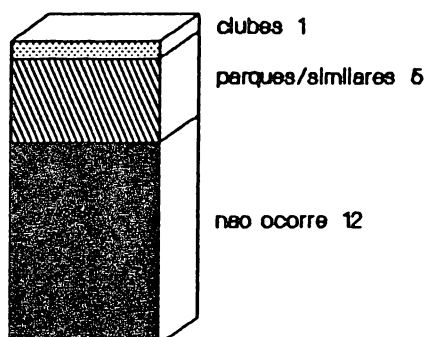
A participação em clubes privados representou apenas 5,6% dos entrevistados. (tabela 13)

Na comunidade não existe nenhum centro de cultura ou instituições culturais e, apesar de existir uma associação de moradores, 77,7% não a conhecem. As demais famílias participam indiretamente da mesma, não tendo cargos, mas sendo ativos nos movimentos ali gerados.

Na questão referente a festas tradicionais de fora da comunidade, a totalidade dos entrevistados não conhecem e não participam de nenhuma.

tabela 13

interacao social - lazer



Com relação a festas periódicas da comunidade, 44,4% citaram a festa anual da escola como a única existente no bairro. O restante - 55,6% - não soube explicitar nenhuma.

A religião também constitui uma forma de interação social, sendo 95% das famílias pertencentes à religião católica e as demais a religiões evangélicas. Deste total, 56% das famílias frequentam a missa ou culto constantemente, mantendo relações com os indivíduos que ali convivem, 22% frequentam esporadicamente e outros 22% não frequentam missas ou cultos. (tabela 14)

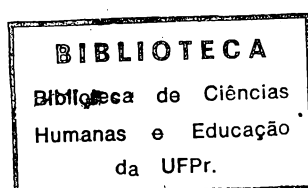
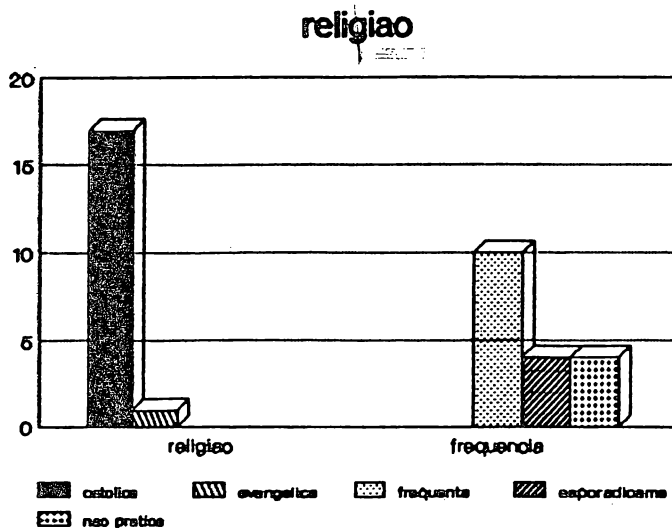


tabela 14



1.9 EDUCAÇÃO

A formação escolar dos pais foi questionada, para que fosse possível traçar um perfil dos mesmos.

1 - O QUE USAM DESTA ÉPOCA (ESCOLAR)

ocorrências

a) português (leitura, escrita, como falar	8
b) aprendeu muito pouco	4
c) não frequentou escola	2
d) quase tudo	1
e) não lembra de nada	1
f) o que aprende tem que executar	1
g) transmitir para quem não sabe	1
h) professoras boas	1
i) não repetiu nenhum ano	1
j) bons hábitos	1
k) rigidez	1

Pelos dados acima, observa-se que a maior incidência de respostas são relativas ao mais "elementar" da escola, que é o ler e escrever. Percebe-se também o significativo valor dos conteúdos que a escola transmite na resposta "b" (aprendeu muito pouco). Duas pessoas não frequentaram a escola, porém quatro mães são analfabetas, concluindo-se que apesar de terem frequentado a escola por determinado período, este não foi suficiente para se alfabetizarem.

As demais respostas são pouco significativas devido à pouca incidência, porém, podemos ressaltar o lado corretivo da escola que foi a característica marcante das quatro últimas respostas.

2 - O QUE ACHA QUE MUDOU DESTE TEMPO PARA AGORA QUE OS
FILHOS ESTUDAM

ocorrências

a) é diferente do jeito que aprendemos	4
b) mudou para melhor	4
c) o que aprendemos	3
d) jeito de ensinar	3
e) precisa de mais material	2
f) (filhos) não obedecem mais	2
g) mudou para pior, ficaram preguiçosos	1
h) continua a mesma	1
i) a cabeça deles é melhor	1
j) participação dos pais	1
k) aprendem com os pais	1

- l) não usa mais cartilha1
 m) não se acostumam com rotina1
 n) religião não tem mais1
 o) coisas prontas1
-

Neste item evidenciou-se que os pais sentiram diferenças no ensino de um período para outro, com exceção de uma resposta apenas.

A mudança foi encarada para melhor, como podemos observar em alguns itens. Algumas respostas demonstram insatisfação, por exigir da família um maior acompanhamento, gastos maiores ou por ter sido retirado do currículo escolar disciplinas e atitudes que para eles eram relevantes.

Interessante ressaltar a mudança comportamental dos filhos com relação aos padrões de comportamento dos quais os pais possuem como base.

3 - RELAÇÃO COM ESCOLA

3a - JÁ CONHECIA A ESCOLA ANTES DO FILHO INGRESSAR NELA

ocorrências

-
- a) não12
 b) sim6
-

3b - POR QUÊ A ESCOLHEU PARA COLOCAR O FILHO

ocorrências

a) mais perto de casa	7
b) pessoas recomendaram	4
c) único lugar com vagas	4
d) frequentava festas	2
e) por ser pequena, no meio do mato	1

Pelos dados acima, observa-se que 67% das famílias não conheciam a escola em questão antes dos filhos ingressarem nela.

A maioria optou pela mesma devido à proximidade de casa, por recomendações de vizinhos e amigos e por ser a única com vagas.

Houveram ainda famílias que a escolheram por participarem de festas na mesma.

Um dado pitoresco foi a escolha da escola por uma família por remeter a mãe ao tipo de escola em que estudou.

4 - QUANDO COMPARECEM A ESCOLA

ocorrências

a) reunião	7
b) quando solicitados	6
c) entrega de boletins	4
d) festas	4
e) 1 ^o dia de aula	1

- f) é difícil1
 g) quando quer saber alguma coisa1
-

A relação das famílias com a escola fica explícita neste dado, pois apenas uma família comparece à instituição quando quer saber alguma coisa.

O restante dos contatos referem-se aos interesses da escola em comunicar seus objetivos e resultados, concluindo-se que ocorre em um nível formal de relacionamento.

5 - DÁ OPINIÕES SOBRE O QUE É ENSINADO NA ESCOLA

ocorrências

- a) não8
 b) sim3
 c) às vezes1
 d) tenta ajudar na lição3
 e) entender o que estão fazendo2
 f) o porquê daquilo (tarefa)1
 g) aconselha não brigar, não responder ao professor ...1
-

Pelo que podemos observar, os pais não opinam sobre as questões escolares gerais. É muito subjetiva a "opinião" que eles dão, pois ela resume-se à resolução de tarefas e não a implicações mais sérias existentes numa relação família-escola.

5 - AS TAREFAS DE SEU FILHO EXIGEM SUAS OPINIÕES

5a - OPINIÃO

ocorrências

a) não	18
b) sim	0

5b - AJUDA

a) não	2
b) sim	16
<hr/>	
c) tem que ajudar o tempo todo	6
d) quando não sabe fazer sozinho	4
e) mostra, ensina as letras	4
f) às vezes sim (ajuda)	2
g) tem que ajudar o tempo todo, senão não fazem	2
h) pai ajuda-o a fazer	2
i) geralmente perguntam	2
j) não falam nada sobre as tarefas	2
k) nunca trouxe tarefa pedindo opinião da família	2

Esta questão mostrou-se muito interessante, pois revela o que a escola já perpetuou. As tarefas que os estudantes levam para casa são estritamente escolares, com caráter de fixação de conhecimento, onde cabe à família ajudá-los a solucioná-las mas não sendo permitidas opiniões mais individualizadas, conforme a realidade

familiar de cada um.

6 - SEU FILHO CONVERSA SOBRE O QUE APRENDE NA ESCOLA

ocorrências

a) sim	18
<hr/>	
b) tudo o que faz na escola, conta em casa	6
c) o que aprenderam, o que fizeram	4
d) conversam sobre várias coisas	2
e) acha tudo interessante	1
f) o que o professor diz, fala, conta	1
g) faz as lições	1
h) pai geralmente pergunta	1

A interferência escolar no desenvolvimento das crianças desta comunidade é evidente. Todas as famílias afirmaram que os filhos relatam e comentam o que realizam na escola.

Este relato baseia-se mais em fatos, atividades que os sujeitos praticaram e não a possíveis discordâncias que estes venham a ter do que lhes foi transmitido formalmente.

7 - COMO VOCÊ FICA SABENDO O QUE ELE ESTÁ APRENDENDO

ocorrências

a) verifico lições, cadernos, folhas, bilhetes	1
b) manda fazer algo para provar o que sabe	1

- c) acompanhando nos cadernos1
- d) nota pelo desenvolvimento da matéria, pelas lições
que traz1
- e) pergunta e eles explicam1
- f) pergunta, mostra letras para ver se conhece1
- g) quando está lendo livros1
- h) o quê ele lê1
- i) o quê ele fala1
- j) pelo interesse dele (antes "fugia" das letras)1
- k) conversando com professor1
- l) perguntas que fazem em casa1

Provavelmente a família não conhece o que a criança deveria aprender em termos curriculares. A verificação da aprendizagem da criança ocorre conforme o que ela demonstra, tanto em termos comportamentais, quanto pelas tarefas contidas no caderno.

Esta verificação é muito subjetiva, pois os pais não possuem parâmetros de mensuração para realmente emitirem pareceres do aprendizado do filho; se ele está assimilando conhecimentos significativos ou apenas aprendendo o que a escola proporciona.

B - NO QUE VOCÊ ACHA QUE A ESCOLA ESTÁ AJUDANDO SEU FILHO
ocorrências

-
- a) ajudando a ler e escrever4
 - b) só ajuda no ensino2
 - c) na matéria da aprendizagem, no desenvolvimento1

- d) está se desenvolvendo mais no conhecimento, nas
informações1
- e) educação no geral (modo como age, como fala)1
- f) sente que está aprendendo1
- g) está fazendo o bem (sem leitura não pega serviço
mais leve; não quero que trabalhe no pesado1
- h) fica mais esperto1
- i) ajuda em tudo1
- j) em vários sentidos1
- k) despertando mais1
- l) faz o que mandam1

A maior incidência de respostas refere-se à função básica da escola, que é ensinar. O "favorecimento" dado pela escola é o óbvio, é o que constitui sua natureza, se ela conseguir fazê-lo de acordo, com consistência.

Aparecem ainda, respostas que indicam interferências no comportamento global, ou seja, que não dizem respeito apenas ao aspecto escolar, mas que são gerados por este.

9 - A ESCOLA ALTERA O COMPORTAMENTO DA CRIANÇA

9a - COM ELA MESMA

ocorrências

-
- a) sim15
- b) fica mais esperto4

- c) mais interessado; mais organizado1
 d) fica mais ativa; faz mais perguntas1
 e) mudou em tudo1
 f) ficando com mais interesse pelo ensino1
 g) de toda criança; começam a entender a realidade; na
 comunicação; na maneira dele ser; ouve conselhos ...1
 h) ter respeito com as pessoas; com outras crianças ...1
 i) mais respondona; mais teimosa1
 j) no sair (precisa sair para passear)1
 k) não2
 l) a mesma coisa1
-

A alteração no comportamento da criança com ela mesma foi apontada em 83% dos casos.

Esta variação se dá mais especificamente na percepção que a criança adquire do mundo, que muitas vezes a conflitua com o que é acostuada a ver.

Consequentemente modifica seu comportamento que na visão dos pais e da escola pode ser benéfico ou não.

Apenas três famílias não apontaram alterações no comportamento dos filhos após a interferência pedagógica.

9b - COM OS AMIGOS

ocorrências

-
- a) não12
 b) a mesma coisa1
 c) sempre teve amigos1
 d) facilidade em ter amigos1

- e) é isolado; encrenqueiro1
 f) não gosta de amizade1
 g) sim6
 h) conheceu novos amigos1
 i) analisam convívio deles com o dos outros, se é certo ou errado1
 j) não participa de brincadeiras que acha que para menor; brinca de brincadeiras que outros colegas sabem1
 k) não brinca com vizinhos1
-

Inversamente da questão anterior, a maioria (67%) dos entrevistados afirmou que a criança não mudou o comportamento com relação a suas amizades.

O restante apontou modificações no convívio do filho com os amigos, no tocante ao conhecimento de novos amigos; a escolha dos mesmos e a comparação entre eles.

9c - COM A FAMÍLIA

ocorrências

- a) sim12
 b) está mais conversador4
 c) está mais esperto1
 d) contam tudo, relacionamento mais aberto1
 e) principalmente na conversa; conversa bem1
 f) mais amorosa; mais respeito1
 g) ficou mais teimoso, desobediente1
 h) não escuta o que a família fala1

- i) não3
 j) nada por enquanto1
 k) a mesma coisa1
 l) não mudou, sempre o mesmo, conversa muito com eles .1
-

Da mesma forma que perceberam mudanças no comportamento dos filhos com eles mesmos, as alterações com a família também foram percebidas, porém em menor grau (67%).

As modificações também são relativas ao comportamento observável e às novas experiências pelas quais estão passando.

O restante não soube apontar possíveis mudanças, apesar de uma porcentagem maior de famílias terem percebido mudanças da criança com ela mesma.

II — DA ESCOLA

2 DADOS GERAIS DOS PROFESSORES

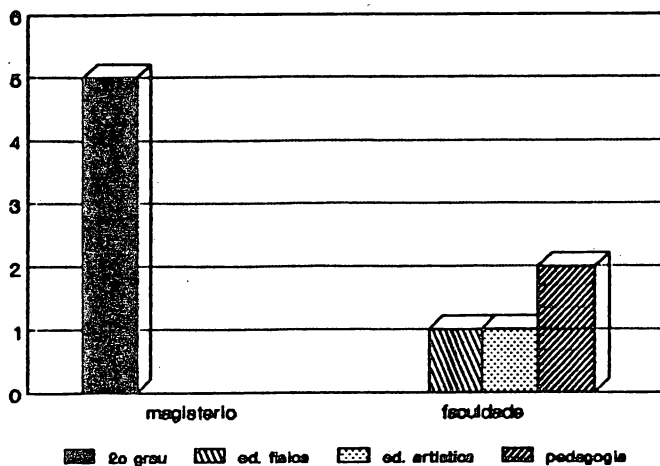
Os dados a seguir explicitados visam traçar um perfil dos profissionais envolvidos direta ou indiretamente com a alfabetização, especificamente no campo profissional ou em questões subjetivas que interfiram no mesmo, não se estendendo a dados que tracem um perfil cultural dos mesmos (modo de viver, de agir, etc.)

2.1 FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Dos educadores abordados, todos possuem o curso de magistério a nível de 2º grau. Curso superior possuem as pessoas que o precisam para exercer a função que ocupam - no caso a Orientadora Educacional, a Supervisora Escolar e a regente de Educação Física - e também uma professora que trabalha como auxiliar de turma, entretanto esta não atua na área em que é formada. (tabela 15)

tabela 15

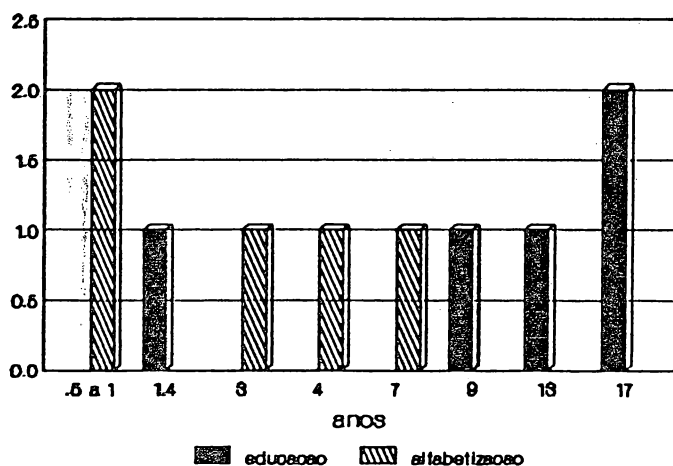
formacao profissional



A professora responsável pela alfabetização possui apenas o curso de magistério a nível de 2º grau e é também a que possui menos experiência em Educação e Alfabetização, como podemos verificar a seguir: (tabela 16)

tabela 16

experiencia em educacao/alfabetizacao



2.2 ATUALIZAÇÃO PROFISSIONAL

A atualização profissional sistemática (cursos, seminários, encontros) depende da mantenedora em 100% dos casos, com uma frequência irregular, pois 60% dos envolvidos realiza cursos esporadicamente, 20% periodicamente e o restante trimestralmente.

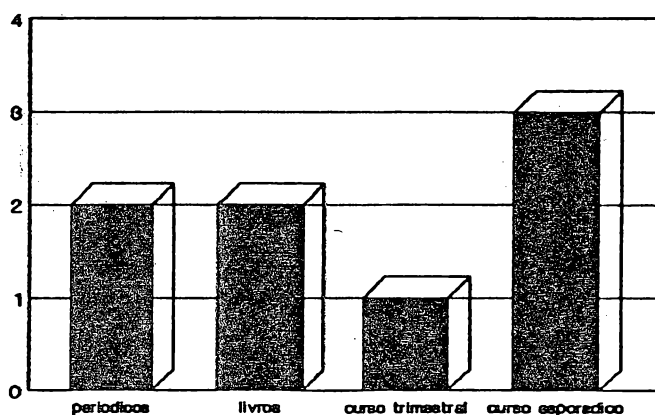
Outras formas de atualização profissional são através de livros, jornais, revistas e conversas com outros profissionais da área.

Os livros específicos demonstraram não ser de leitura constante para 60% dos entrevistados, e sequer foram citados como agentes de aperfeiçoamento profissional para o restante.

As revistas citadas neste item são as encaminhadas ao mercado comum (editadas para o consumo em geral), sendo apenas uma editada por órgão de divulgação oficial de educação. (tabela 17)

tabela 17

atualizacao profissional



2.3 MEIOS DE INFORMAÇÃO EM GERAL

As formas de informação - não direcionadas à educação - possuem, na televisão uma grande força. Os telejornais e noticiários são assistidos por todos os interrogados, sem destaque para nenhuma emissora em especial.

Constituem também audiência as reportagens diversas, programas de entrevistas, esportes, novelas e filmes.

Um ponto que merece destaque é com relação à própria questão, pois foi pedido apenas os meios utilizados para adquirir informações, não atendo-se aos mecanismos de entretenimento.

O rádio é utilizado como entretenimento musical para 80% dos questionados, e como veiculador de notícias para 40%. As emissoras citadas são, na totalidade, de FM (Frequência Modulada).

No jornal, os assuntos procurados são as notícias, os artigos e os informativos gerais. A preferência é pelo jornal mais conhecido do Município (Gazeta do Povo), havendo a ocorrência de outros jornais locais e também a leitura - esporádica - de jornal de expressão nacional (Folha de São Paulo).

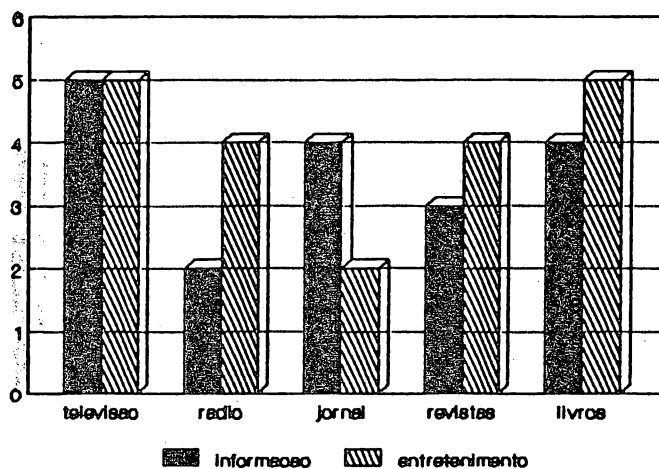
Houve uma diversidade grande de revistas, situando os assuntos entre moda, místicos, informativos, de comportamento e diversos.

Os livros que constituem leitura para busca de informações, caracterizam-se em 30% dos casos nos informativos (sem especificação), 20% são livros técnicos

(direcionados à educação), 30% de leitura dirigida ao lazer e ainda, leituras espirituais, místicas e a Bíblia. (tabela 18)

tabela 18

meios de informacao



Não houve outras formas de informações citadas pelos questionados.

Quanto à reação dos indivíduos às informações recebidas através dos mass media, não existe um padrão de aceitação ou de rejeição às mesmas. O que ocorre é um julgamento baseado na experiência profissional e no senso-comum para avaliá-las.

Existe também entre as respostas um pré-conceito em não aceitar "a priori" as informações, buscando sempre conceber uma opinião própria.

2.4 INTERAÇÃO SOCIAL

Os parentes mais próximos constituem o círculo de amizade mais frequente dos questionados, com relaciona-

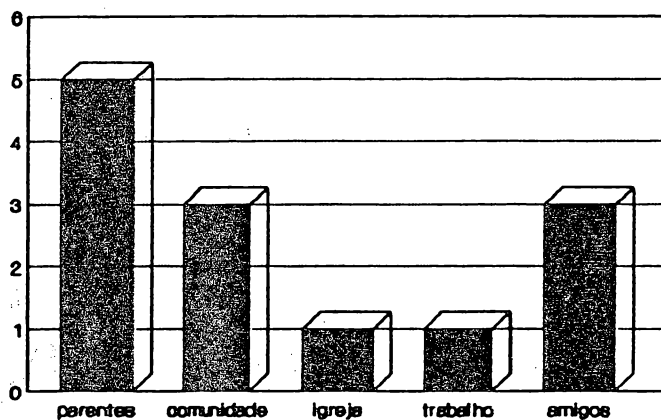
mentos informais e constantes.

O relacionamento com a comunidade em que cada um está inserido, se dá pelo plano formal, não acontecendo a participação efetiva em associações de moradores ou outros grupos de bairro.

Os amigos e os companheiros de trabalho também constituem pessoas de convívio social, porém não permanente. (tabela 19)

tabela 19

convívio social



Apenas uma educadora não é sindicalizada. As demais participam de sindicato indiretamente, ou seja, sem cargos fixos.

As formas de lazer e entretenimento são as mais diversas, sendo as maiores ocorrências: passeios, viagens, natação, vídeos, passeios de bicicleta, televisão, retiros e rodeios, entre outras.

2.5 DADOS ESPECÍFICOS

A seguir serão explicitados dados recolhidos diretamente das respostas dos envolvidos ao questionário.

2.5.1 Função da alfabetização

- a) Permitir a construção de conhecimentos, ampliando o referencial de mundo, revendo sua leitura de modo nele interar-se e interagir-se;
- b) É conhecer o desconhecido e deste formar seus próprios conceitos e suas próprias definições (mas não poderíamos nos preocupar com o tempo, que é limitado);
- c) São várias as funções: orientar, desenvolver o espírito crítico;
- d) Ler, escrever. Levar o aluno a ter consciência que vive em uma sociedade. É necessário estar inserido nesta comunidade. Ser um ser informado crítico;
- e) Abrir os olhos da criança para o mundo e saber interpretá-lo, não é apenas decifrar letras, palavras, frases. Quando introduzimos a criança no mundo da leitura e da escrita estamos dando-lhe oportunidade de abrir seus horizontes e para isso é preciso que ela entenda o porquê de tudo;
- f) É uma forma de ler, entender, interpretar e de se relacionar no mundo. É um processo progressivo e dinâmico de apropriação da

linguagem escrita que prioriza a leitura e a produção de textos.

Em todas as respostas a esta questão transpareceu a idéia de que a criança é alfabetizada para melhor entender o mundo em que vive, pressupondo a inexistência de um conhecimento prévio adquirido no contexto social de origem, sendo este "*abrir os olhos da criança para o mundo (...)*" e "*levar o aluno a ter consciência que vive em uma sociedade (...)*" o mecanismo mais rico de significados que a escola necessariamente deveria utilizar como iniciador da alfabetização.

Tornou-se lúcido como a escola ainda vê a aquisição do conhecimento como um momento individualizado, não existindo o caráter de socialização, da criação de uma identidade de classe, visando prioritariamente a consciência de que constituímos diferentes classes sociais que determinarão pensamentos, concepções diferentes e que somente com o conhecimento destas disparidades pode-se evoluir e modificar contextos sociais.

"*(...) formar seus próprios conceitos e suas próprias definições (...)*".

Pode-se afirmar também, através de observação-participativa, que a instituição escolar modificou algumas das formas de apropriação da lecto-escrita, mas o principal que é explicitar o que se deseja daqueles indivíduos, situados contextualmente neste momento histórico, está longe de ser definido, principalmente se visar-se a contemporaneidade histórica.

2.5.2 Método seguido

- a) Não existe para mim um método único. Devo pegar o essencial, o que deu certo em cada método e adaptar à situação do grupo;
- b) Acredito na concepção interacionista que permite a aquisição de conhecimento respeitando a individualidade, partindo de situações concretas. (...) não se pode negar diferentes formas para que o aluno construa seu conhecimento;
- c) Aquele que em primeiro lugar respeita a criança e que favoreça o seu real aprendizado, isto é a função real da leitura e escrita;
- d) (...) método globalizado e passei a trabalhar muito com textos, tudo partia-se do texto feito com as crianças até chegar na silabação;
- e) O meu (...) são muitos os métodos, tenho tentado seguir a proposta da PMC (Prefeitura Municipal de Curitiba) unindo isso com experiências de outras professoras, pesquisando o que há de bom em cada método, selecionando o que há de melhor em cada um.

Neste item a proposição de um método único não foi apontada.

Não houve também uma explicitação do encaminhamento metodológico adotado, revelando talvez a falha na definição do que constitui método - e por quê as teorias

educacionais o combatem tanto - e a definição do encaminhamento metodológico que pressupõe uma concepção de educação e, especificamente na alfabetização, uma concepção de linguagem.

5.2.3 Elementos conceituais

- a) Ambos devemos respeitar e partir do conhecimento anterior do aluno, mas ressalto a importância da professora como mediador, incentivador e responsável em trazer sempre novos elementos e conhecimentos;
- b) Busca-se trabalhar os conteúdos universais incorporando-os aos já adquiridos pelos alunos de modo a ampliar a visão simplista que se tem destes;
- c) (...) favoreceria elementos conceituais do aluno buscando aprofundar conceitos, puxando sempre para cima a fim de elevar sempre mais os conhecimentos e até comparando-os com elementos conceituais meus, faz parte da relação;
- d) (...) mudei para textos coletivos, aproveitando aquilo que as crianças traziam e dali partia o meu trabalho;
- e) Dos alunos;
- f) De ambas as partes.

Segundo os questionados, a utilização dos elementos conceituais dos alunos serve de início para a alfabetização. Porém uma contradição se estabelece, pois

ela serve apenas como partida para a inclusão dos elementos conceituais inerentes à escola, com base em padrões sócio-culturais da classe dominante.

A idéia de que ocorre uma inter-relação direta com inclusões conceituais reais de ambas as partes fica apenas no discurso, até porque a escola desconhece o ambiente de onde provém os alunos, tornando sua pseudo-utilização inócua e ineficaz.

5.2.4 Como trabalha com as crianças que não possuem o mesmo repertório do conteúdo dado em sala

- a) Professora é aquela que sabe e que deve achar um meio de ensinar aquilo que os alunos não sabem. A criança vai para a escola para dominar a língua-padrão, adquirindo conhecimentos, superando sua própria linguagem e seu conhecimento;
- b) Oportunizando a este, maior contato com material escrito diversificado de modo a fazer com que perceba a importância e necessidade da escrita e leitura dentro da sociedade. Encaminhar também para estudos paralelos que permitam essa maior vivência com material escrito;
- c) Explorar o máximo dando oportunidade para que a criança amplie seus conhecimentos, proporcionar experiências com significado;
- d) Achava que nada entendiam, que não correspondiam naquilo que "eu esperava";

- e) Não isolo, tento estimular mais;
- f) Da mesma forma que trabalho com as outras crianças, tentando aproveitar a vivência da criança. Levando-a ao mesmo repertório do conteúdo dado em sala.

A busca da homogeneização em sala de aula transpareceu em todas as respostas, sendo o caráter da diferença encarado como um problema do aluno.

A questão da diferença de repertório devido à classe social a que se pertence e ao acesso de informações disponíveis não foi levantada, demonstrando que os questionados não se alertam para este fato.

Houveram respostas que não abordaram com clareza a problemática, esvaindo-se e apenas constatando o fato.

Ocorreu também uma resposta em que demonstrou-se não haver uma preocupação na variedade de repertório, mas apenas a definição de papéis da professora e do aluno, sendo este apenas receptor de informações e conhecimentos "dados" pela instituição escolar.

5.2.5 Integração do conteúdo curricular obrigatório com a vivência individual

- a) Dando oportunidade para o aluno expressar suas idéias, experiências, conhecimentos e refletir, dar chance e oportunidade para interpretar, relacionar, trocar idéias, buscar informações para construir novos conhecimentos (não queimar etapas);
- b) A valorização das vivências mais especifica-

mente corporais/globais, é ponto de partida para a sistematização, organização e ampliação destas;

- c) Respeitando a vivência do aluno, aquilo que ele traz do seu cotidiano, dá perfeitamente para integrar aos conteúdos curriculares, proposta torna-se mais real e significativa. As formas adotadas podem ser inúmeras, reflexão, comentários, dramatizações;
- d) Sempre procurava relacionar com a realidade na medida do possível;
- e) Tento integrar com o que ocorre nas brincadeiras, em casa, nos finais-de-semana. Com eles desenhando, e procurando palavras do desenhado;
- f) Aproveitando as experiências, a vivência dos alunos, integrando-as ao conteúdo curricular.

A integração do conteúdo com a experiência individual é afirmada como sendo de constante utilização.

Ficou evidente que busca-se inserir a vivência pessoal no conteúdo e não o contrário, sendo que existe uma conotação de superficialidade nesta relação, pois a experiência é válida na medida em que a escola a enquadra em algo necessário a ela mesma.

2.5.6 Lição de casa

- a) Como reforço, para completar a carga horária que já é tão pouca, criar hábitos de estudo e senso de responsabilidade;

- b) Estímulo na busca de se reforçar conteúdos trabalhados, bem como tornar-se momento de reflexão destes de modo a tornar o aluno mais comprometido com valores (conteúdos) que a escola propõe;
- c) A lição de casa somente tem objetivo quando fica claro para a criança o porquê dela, para que serve, é como uma forma da criança ir acostumando-se com a responsabilidade por tarefas;
- d) Reforço e responsabilidade
- e) Para a fixação do que foi ensinado em sala de aula;
- f) Lição de casa quando utilizada de forma objetiva tem sentido, pois é uma continuação da escola.

O objetivo da tarefa extra-escola, apontado pelos educadores, demonstrou o caráter de estabelecer um padrão comportamental, baseado nos seguintes itens: responsabilidade, reforço, hábitos de estudo e fixação.

Pode-se afirmar que este padrão pertence a correntes educacionais tradicionais, questionando-se a validade destas exigências numa sociedade contemporânea, onde os valores de classe são diversos.

2.5.7 Relacionamento escola X comunidade

- a) De forma franca, aberta, dando-lhes liberdade para tomada de decisões com responsabilidade;
- b) A escola deve entendê-la para apartir disto

interar-se da clientela que a compõe. Quando isso acontecer saberemos quem é nosso aluno, quais seus anseios, etc., determinando que função esta desempenha no meio que está;

- c) De forma mais aberta, buscando sempre o entendimento, apesar de todos os problemas. Respeitando também os seus pontos-de-vista, porém buscando sempre fazê-los entender o porquê das regras a serem seguidas, uma vez discutidas por todos;
- d) Acho que com equilíbrio nas situações que surgem, colocando ao aluno qual o nosso objetivo e que eles tirem o maior proveito disso;
- e) Deve participar de atividades que tragam a comunidade para a escola;
- f) Deve haver uma integração escola-comunidade, uma vez que somos uma única comunidade. A escola está inserida na comunidade do aluno.

As opiniões contidas neste item remetem-nos à abertura democrática da escola, porém com ressalvas.

Uma das exceções é quanto a restrição de que a escola encara esta relação como se ela estivesse oportunizando esta participação, quando é de direito a interferência e a interação entre ambos.

Outra exceção é que a instituição educacional percebe sua função como a de levar a comunidade a entender o que é feito nela e esta termina aceitando isto passivamente.

5.2.8 Momentos em que fala com a família dos alunos

- a) Quando necessário para resolver algum problema, para dar satisfação sobre o encaminhamento do trabalho, acolhendo sugestões, informar sobre o desenvolvimento, o progresso do aluno e colocando-se sempre à disposição;
- b) Em reuniões que a escola promove, quando os pais trazem os filhos para a escola;
- c) Sempre que possível este contato é primordial não somente em entrega de nota, mas em outros momentos informalmente;
- d) Reuniões, quando nos procuram, às vezes quando solicitado;
- e) Na hora da entrada para sala, em reuniões, com bilhetes;
- f) Reuniões, intervalo, entrada dos alunos, permanência.

Foram citados momentos informais e formais de contato com os pais, com preponderância sobre os últimos.

Os contatos, na sua maioria, se dão em momentos oficiais e definidos pela escola, como reuniões, entrega de notas, para prestar informações sobre um aluno determinado e/ou quando este apresenta "problemas" que a escola julga de fora de sua alçada.

2.5.9 Participação ou conhecimento de atividades sociais da comunidade

A incidência de participação ou conhecimento de atividades sociais da comunidade foi nula.

Este panorama reflete que a escola insere-se em um local desconhecido por seus integrantes (até mesmo pela diferença de classe social), justificando o pouco conhecimento que a escola possui dos indivíduos que nela estudam, e a inexpressiva participação espontânea da comunidade na escola; pois esta mostra-se desvinculada, estranha às suas particularidades.

2.5.10 Aspectos da comunidade relevantes para seu trabalho pedagógico

- a) Origem e formação da comunidade, condição econômica, social e cultural; formas de trabalho, transporte coletivo, meios de comunicação, centros culturais, religiosos e de lazer;
- b) Jogos tradicionais e culturais, forma de lazer, acervo motor (sic), espaço para prática esportiva, linguagem;
- c) Religião, conceitos morais, a importância da escola para os pais, cotidiano, nível sócio-econômico, etc.;
- d) A própria realidade da comunidade, e um bom relacionamento com a criança, se possível com os familiares;
- e) Principalmente o estado financeiro, relação

pais e filhos, o ambiente familiar;

f) Os espaços físicos, onde os alunos moram, brincam.

Foram citados aspectos generalizantes, ou seja, que dizem respeito ao ambiente sócio-econômico-cultural da comunidade, como dados históricos, geográficos, religiosos, econômicos, infra-estrutura disponível, entre outros.

Também foram assentados aspectos que visam sobre cada família em específico, e suas relações intra-familiares.

CON

CON

CON

Esta pesquisa buscou estabelecer relações entre a cultura da comunidade estudada e a escola, com inter-relações recíprocas influenciadoras de ambos os contextos sociais.

O desenvolvimento da pesquisa revelou que este bairro caracteriza-se por possuir uma história de comunidade recente, onde a maioria provém de outras localidades. A diversidade cultural é grande, porém prevalece o modo de pensar adquirido com o novo tipo de dinâmica à qual eles vêm se adaptando.

Isto comprova-se principalmente no tipo de trabalho ou ofício ao qual eles se encaminharam, que não possui nenhum vínculo com seus antecedentes.

Este grupo pertence às classes sociais brasileiras desfavorecidas da garantia de educação básica; de situação sócio-econômica satisfatória e estável e de pouquíssima - para não dizer nula - participação nas decisões nacionais.

A "multi-mídia" constitui um mecanismo de lazer e absorção de informações, tanto para os adultos quanto para as crianças.

A televisão demonstrou preponderar na formação de opiniões, não existindo fatores de mensuração das mensagens recebidas.

A partir destes dados, infere-se que "a essas pessoas é vedado um acesso real ao que é veiculado pela informação, tanto pelo nível de escolarização quanto pelas dificuldades de contato com o restante da cidade e da sociedade global".¹

A comunidade concebe a instituição escolar como um local onde os filhos vão aprender, sem a exigência necessária de um vínculo diferente com a mesma.

A interferência da família na escola, buscando integrar a vivência e as reais necessidades deles com o currículo escolar é inexistente.

Porém, a interferência escolar na vida cotidiana das crianças mostrou-se evidente, gerando modificações principalmente no comportamento das mesmas.

Percebe-se que a escola procura ajustar os indivíduos, nivelando-os quanto a concepções, visões, idéias e que, aqueles que conseguem assimilar esta linearidade, são os que possuem maior probabilidade de êxito.

Os educadores demonstraram também ser bastante influenciados pelos mass media, porém com a diferença de terem acesso mais fácil a diferentes fontes de informação, além de repertório mais amplo.

As formas de informação recaem sobre a televisão - majoritariamente - e ao jornal local, sendo este de leitura não-cotidiana. O padrão de avaliação das mensagens recebidas é baseado em conclusões próprias, chegando-se

geralmente ao senso-comum.

É relevante afirmar que a televisão, bem como os outros meios de comunicação de massa, constituem-se em uma interface entre os educadores e os alunos, pois eles invadem o repertório conceitual de ambos, tornando-os paralelos unicamente neste aspecto de meios de massa.

Convém ressaltar que esta interface não é representativa, justamente porque os meios de comunicação para a massa possuem o objetivo único de massificar idéias, homogeneizando culturas, deixando de existir identidades individuais ou de grupos no interior da sociedade.

A relação desenvolvida pela escola com a comunidade é formal. A escola não possui um plano de captação da cultura do grupo com o qual ela trabalha, agindo exclusivamente conforme o currículo escolar.

Muitas vezes dissimula-se esta relação, através da incorporação de pequenos elementos conceituais da comunidade, que não geram modificações estruturais na instituição, mas apenas mudanças superficiais e transitórias.

Os educandos possuem um repertório desorganizado, que pode e deve ser utilizado na alfabetização.

Tal repertório constitui o que há de mais significativo neste grupo social e que é internalizado e representativo de cada indivíduo.

Todavia, a escola não sabe organizá-lo, pois possui como pressuposto a transmissão do conhecimento acumulado historicamente pela sociedade e busca repassá-lo aos seus alunos, nem que com isso dissipe a cultura deste grupo, corroborando para a criação de uma massa para as

classes dominantes.

Deveria constituir responsabilidade das instituições educacionais - principalmente as envolvidas com as classes populares - não deixar que a cultura de cada grupo social se perca, se esvazie. Mas que acima de tudo - mesmo passando por transformações necessárias, incorporando novos conhecimentos - sobreviva.

Conclui-se que estes dois grupos sociais - a escola e a comunidade - pertencem a uma mesma categoria, porém, com identificações de classe diferentes.

A escola desenvolve-se totalmente estanque da comunidade e a comunidade possui uma dinâmica divergente à da escola.

Esta - por pertencer a uma rede pública, com diretrizes unificadoras - não consegue estabelecer paralelos entre o currículo oficial e as necessidades reais da comunidade.

Os professores não se apercebem das diferenças de identificações que existem entre eles e sua clientela de alunos, exigindo uma unidade de idéias que se assemelhem às suas próprias.

Não existe a preocupação em aprofundar conhecimentos e observações que visem traçar um perfil sócio-cultural dos alunos, principalmente os que ingressam na alfabetização e que possuem um conhecimento anterior, que genericamente não é o oficial, mas o familiar, o de classe.

Os educadores não percebem que encaminham os alunos para a massa, pois eles mesmos já estão inseridos

nela, aceitando passiva ou inconscientemente o que lhes é "atraentemente" exposto.

Neste sentido, além de não ocorrer uma interface entre a escola e a comunidade, acontece a inclusão de concepções alheias a ambas, desvinculadas totalmente do processo histórico em que estão inseridas.

Por outro lado, a comunidade aceita esta situação pacificamente. Ela não sabe exercer sua cidadania - por vários fatores que são inerentes à sua própria classe social - deixando de intervir no que constitui seu direito: adequar a instituição escolar para que seus filhos se alfabetizem, tornem-se cidadãos, não aceitando apenas ser a massa, aquela feita para ser manipulada.

Quando a escola tiver como base a comunidade, quando efetivamente tornar-se um espaço social da comunidade, constituir-se-á parte desta, podendo deste modo provocar mudanças qualitativas e mudar interativamente, num processo real de interferências mútuas ou interfaces.

REFERENCIA

1. CHAUI, Marilena. Conformismo e Resistência. Aspectos da cultura popular no Brasil. São Paulo, Brasiliense, 1978. p.38

REFERÊNCIAS
BIBLIOGRÁFICAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- APPLE, Michael. Vendo a educação de forma relacional: classe e cultura na sociologia do conhecimento. Educação e realidade. Porto Alegre 71(1):19-33, 1986.
- ARANTES, Antonio Augusto. O que é cultura popular. São Paulo, Brasiliense, 1981.
- BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). Marxismo e Filosofia da Linguagem. São Paulo, Hucitec, 1988.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetização e Linguística. São Paulo, Scipione, 1991.
- CANCLINI, Nestor Garcia. As culturas populares no capitalismo. São Paulo, Brasiliense, 1986.
- CERVO, A.L & BERVIAN, P.A. Metodologia científica. São Paulo, McGraw-Hill do Brasil, 1983.
- CHAUÍ, Marilena. Conformismo e Resistência. Aspectos da cultura popular no Brasil. São Paulo, Brasiliense, 1987.
- _____. Seminários sobre o Nacional e o Popular na Cultura. São Paulo, Brasiliense, 1983.

- FERREIRO, Emilia & TEBEROSKI, Ana. Psicoqênese da língua escrita. Porto Alegre, Artes Médicas, 1990.
- FRY, Peter. Para Inglês ver. São Paulo, Zahar, s/d.
- GEERTZ, C. A interpretação das culturas. São Paulo, Zahar, 1978.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. Rio de Janeiro, José Olímpio, 1991.
- LUIZETTO, Flávio. Cultura e educação libertária no Brasil no século XX. Educação e Sociedade, São Paulo (12):61-79, set.1982.
- MOTA, Carlos Guilherme. A cultura brasileira como problema histórico. Revista da USP, São Paulo (3):7-40, dez.1986.
- OLIVEN, Ruben George. A antropologia de grupos urbanos. Petrópolis, Vozes, 1985.
- ORTIZ, Renato. A Moderna Tradição Brasileira. São Paulo, Brasiliense, 1988.
- _____. Cultura Brasileira e Identidade Nacional. São Paulo, Brasiliense, 1986.

RODRIGUES, Rui M. Educação e compromisso com as classes populares. Educação em Debate, Fortaleza 12(17-18):19-43, dez./jan. 1989.

SANTOS, Hélio Jorge dos. Educação e Ideologia. Perspectivas, São Paulo (3):19-28, 1980.

_____. O que é cultura. São Paulo, Brasiliense, 1991.

SODRE, N.W. Síntese da História da Cultura Brasileira. São Paulo, Difel, 1985.

VALLE, Edênio & QUEIROZ, José J. (organizadores). A Cultura do Povo. São Paulo, Cortez, 1988.

VIGOTSKI, L.S. A Formação Social da Mente. São Paulo, Martins Fontes, 1989.

VIGOTSKI, L.S. et alii. Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem. São Paulo, Icone, 1988.

ANEXOS

ROTEIRO PARA PRIMEIRA ENTREVISTA COM AS FAMÍLIAS

DADOS GERAIS

1 - CONSTITUIÇÃO FAMILIAR

- a) pai - idade;
- b) mãe - " ;
- c) filhos - idade.

2 - ESCOLARIDADE

- a) pai;
- b) mãe;
- c) filhos.

3 - PROFISSÃO

- a) pai;
- b) mãe.

4 - HOBBIE

- a) pai;
- b) mãe.

5 - RENDA FAMILIAR

6 - FORMA DE MORADIA

- a) própria;
- b) alugada;
- c) emprestada.

7 - RELIGIÃO

- a) qual;
- b) seguem;
- c) de que forma.

8 - SINDICATO

- a) participa;
- b) opinião;
- c) greves.

9 - ORIGEM

- a) outros bairros;
- b) outras cidades;
- c) outros estados.

10 - ANTECEDENTES

- a) imigrantes - local;
- b) migrantes - local.

11 - MANTÉM CONTATO COM PARENTES, AMIGOS DO LUGAR DE ONDE A FAMÍLIA VEIO

- a) sim;
- b) não;
- c) que tipo.

12 - PAIS (AVÓS) TINHAM A MESMA PROFISSÃO/OFFICÍO QUE VOCÊS

- a) sim;
- b) não;
- c) qual;
- d) porque não seguiram

MEIOS DE INFORMAÇÃO

13 - TELEVISÃO

- a) o quê;
- b) qual.

14 - RÁDIO

- a) o quê;
- b) qual.

15 - JORNAL

- a) o quê;
- b) qual.

16 - REVISTAS

- a) o quê;
- b) qual.

17 - LIVROS

- a) o quê;
- b) qual.

18 - OUTROS

- a) o quê;
- b) qual.

19 - FILHOS ASSISTEM TELEVISÃO

- a) sim;
- b) não;
- c) o quê;
- d) qual;
- e) quantas horas diárias.

20 - FORMAS DE COMUNICAÇÃO

- a) com quem;
- b) como.

21 - COSTUMAM COMPRAR

- a) livros - o quê;
- b) revistas - quais;
- c) jornais - quais.

22 - ACEITAM INFORMAÇÕES RECEBIDAS PELO MEIOS DE MASSA

- a) sim;
- b) não;
- c) o quê;
- d) por quê.

CONVÍVIO SOCIAL

23 - LUGARES QUE COSTUMAM FREQUENTAR

- a) quais;
- b) por quê.

24 - PESSOAS COM QUE SE RELACIONAM

- a) parentes;
- b) comunidade;
- c) comunidade religiosa;
- d) amigos;
- e) outros.

25 - FORMAS DE LAZER

- a) o quê;
- b) onde;
- c) com quem.

26 - PARTICIPA DE ALGUM GRUPO DE BAIRRO

- a) sim;
- b) nao;
- c) qual.

27 - FREQUENTA ALGUM CLUBE

- a) sim;
- b) não;
- c) qual.

28 - EXISTE ALGUMA FESTA PERIÓDICA NO BAIRRO

- a) sim;
- b) não;
- c) qual.

29 - FREQUENTA ALGUMA FESTA TRADICIONAL

- a) sim;
 - b) não;
 - c) qual.
-

ROTEIRO PARA SEGUNDA ENTREVISTA COM AS FAMÍLIAS

RELAÇÕES COM A ESCOLA

- 1 - O QUE UTILIZAM HOJE DA ÉPOCA QUE FREQUENTARAM A ESCOLA
- 2 - O QUE ACHAM QUE MUDDU DESTE TEMPO PARA AGORA QUE OS FILHOS ESTUDAM
- 3 - JÁ CONHECIA E ESCOLA ANTES DO FILHO INGRESSAR NELA
 - a) sim;
 - b) não.
- 4 - POR QUÊ A ESCOLHEU PARA COLOCAR O FILHO
- 5 - QUANDO COMPARECEM A ESCOLA
 - a) para entrega de notas;
 - b) festas;
 - c) quando solicitados;
 - d) outros.
- 6 - DÁ OPINIÕES SOBRE O QUE É DADO NA ESCOLA
 - a) sim;
 - b) não;
 - c) por quê.
- 7 - AS TAREFAS DE SEU FILHO EXIGEM SUAS OPINIÕES
 - a) sim;
 - b) não;
 - c) por quê.
- 8 - SEU FILHO CONVERSA SOBRE O QUE APRENDE NA ESCOLA
- 9 - COMO VOCÊ FICA SABENDO O QUE ELE ESTÁ APRENDENDO
- 10 - NO QUE VOCÊ ACHA QUE A ESCOLA ESTÁ AJUDANDO SEU FILHO

11 - A ESCOLA ALTERA O COMPORTAMENTO DA CRIANÇA

- a) com ela mesma;
 - b) com os amigos;
 - c) com a família.
-

QUESTIONARIO PARA PROFESSOR

I - DADOS GERAIS

- a) idade: _____
- b) escolaridade: - magistério ()
- faculdade () - qual: _____
- c) tempo de experiência na educação: _____
- d) tempo de experiência com 1a. série: _____
- e) participa de sindicatos, associações, grupos, etc? _____
especificar: _____
- f) participa de associação de moradores e/ou grupos em seu bairro? _____
especificar: _____
- g) formas de informação:
- televisão: o quê: _____
qual: _____
 - rádio: o quê: _____
qual: _____
 - jornal: o quê: _____
qual: _____
 - revistas: o quê: _____
qual: _____
 - livros: o quê: _____
qual: _____
 - outros: _____
- h) como reage às informações, idéias ou concepções recebidas pelos meios de comunicação? _____
- i) formas de atualização profissional:
- periódicos (jornais, revistas, boletins) quais: _____
 - livros - quais: _____

- cursos: com que frequência: _____
ofertados pela mantenedora ou particulares: _____
 - outros: _____
- j) tipos de lazer, hobbie, etc.: _____

- k) pessoas com que se relaciona:
- parentes: (em que nível) _____
- comunidade: (em que nível) _____
- outros: _____
-

II - DADOS ESPECÍFICOS

- a) para você qual a função da alfabetização?

- b) qual o método de alfabetização que você segue?

- c) na sua opção metodológica usa elementos conceituais seus ou incorpora elementos conceituais dos alunos?

- d) como você reage e trabalha com as crianças que não possuem o mesmo "repertório" do conteúdo dado em sala?

- e) você integra o conteúdo curricular obrigatório com a vivência de cada aluno? de que forma?

f) utiliza lição de casa? com que objetivos?

g) como deve a escola relacionar-se com a comunidade dos alunos?

h) quais os momentos em que você fala com a família dos alunos?

i) conhece e/ou participa de atividades sociais da comunidade em que está inserida a escola?

j) quais os aspectos da comunidade que você acha relevante conhecer para seu trabalho pedagógico?
